

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA ESCOLA*

Maria José Gomes Pompeu

mariajgomes18@hotmail.com

Sâmia Maria Tomás dos Santos

samia.maria1898@hotmail.com

Clara de Maria Oliveira Lopes

clarinha_elayne@hotmail.com

Marcel Lima Cunha

marcel_cunha2003@yahoo.com.br

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

RESUMO

O estudo objetiva saber se a escola está contribuindo para a construção da identidade negra dos alunos. Para tanto, utilizamos da pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, analisando falas de 4 alunos do 8º ano de uma escola da rede pública do município de Sobral, Ceará. Nessa situação *percebemos que o objetivo foi alcançado de forma positiva, mas devemos ter consciência de que essa não é a realidade de todas as escolas.*

PALAVRAS-CHAVE

Educação; Identidade racial; Escola

INTRODUÇÃO

A discussão sobre a discriminação racial sofrida pelo negro vem crescendo bastante dentro e fora da escola. As redes sociais também têm contribuído consideravelmente para a visibilidade desse assunto, isso mostra que, além da manutenção desse tipo de discriminação, existe um número considerável de pessoas que estão tomando consciência de que o racismo é algo inaceitável, que precisa ser denunciado e combatido.

* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Sant'Ana (2005, p. 42) nos diz que "o racismo não surgiu de uma hora para outra. Ele é fruto de um longo processo de amadurecimento, objetivando usar a mão-de-obra barata através da exploração dos povos colonizados". Afirma ainda que "sendo o racismo um fenômeno ideológico, ele se consolida através dos preconceitos, discriminações e estereótipos" (SANT'ANA, 2005, p. 43). À vista disso, podemos questionar se os nossos alunos estão livres dessa forma de preconceito dentro da escola e se os professores estão realmente preparados para abordar tal assunto em sala de aula, já que existe a lei 1639/03 que inclui o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

Foi nesse contexto que o interesse pelo tema surgiu, da experiência pessoal de ser mulher negra e a percepção de que é difícil se identificar como pessoa negra, já que as características dos negros são postas como algo negativo, mostrando que a sociedade é estruturalmente racista.

Sabendo que a construção da identidade, seja ela de gênero, social ou racial, se dá por meio do convívio com o outro, podendo ter contribuições da família, círculo de amizade e da escola, emerge a intenção de saber se a escola está contribuindo para a construção da identidade negra dos alunos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa. Utilizamos como técnica de coleta de dados uma entrevista semiestruturada, que segundo Triviños (1987, p.146) "oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação".

A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (FONSECA, 2002, p.32).

Seguindo essa perspectiva, as entrevistas foram realizadas com quatro alunos do 8º ano do ensino fundamental II, em uma escola pública localizada em Jaibaras, distrito do município de Sobral, durante uma aula de Educação Física.

A análise dos foi realizada seguindo as fases de pré-análise, exploração do material, descrição e tratamento dos resultados, permitindo examinar os resultados efetuando inferências e interpretações de forma crítica e reflexiva (SILVA, FOSSÁ, 2015; MOZZATO, GRZYBOVSKI, 2011).

REFERENCIAL TEÓRICO

Ainda não se tem uma resposta satisfatória acerca do que é identidade, pois a discussão sobre esse tema é bastante complexa, especialmente quando associamos a adjetivos como: social, gênero, étnica, negra, se torna ainda mais complexa (GOMES, 2005).

Corroborando com a assertiva acima, Novaes (1993, p. 24) afirma que "não há um único homem que seja perfeitamente igual (idêntico) ao outro e, nesse sentido, é impossível para as ciências humanas aplicar um conceito matemático de identidade". Munanga (1996) assevera ainda que a identidade é uma realidade presente em todas as sociedades humanas e que, por meio de seus valores, qualquer grupo seleciona alguns aspectos de sua cultura para definir-se.

A construção da identidade se torna um processo para a criação de um nós coletivo, em que este nós se refere a uma identidade que é um recurso indispensável para o nosso sistema de representações. "Indispensável porque é a partir da descoberta e reafirmação de suas semelhanças que um grupo (...) terá condições de reivindicar para si um espaço social e político de atuação" (NOVAES, 1993, p. 24).

À vista disso, podemos refletir a maneira que o negro constrói sua identidade. Nesse sentido, Gomes (2005) afirma que a construção da identidade negra por uma via positiva em nossa sociedade, que ensinou e ensina os negros, desde muito cedo, que é preciso negar-se para ser aceito socialmente, é um desafio



importante enfrentado pelos negros brasileiros. A escola, isto posto, é um dos lugares essenciais para a construção da identidade do indivíduo, em contra partida, é também um dos lugares em que o preconceito e a discriminação habitam, pois a escola é o reflexo da sociedade em que estamos inseridos (FERREIRA E CAMARGO, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo de coleta dos dados, iniciamos a entrevista indagando sobre a discussão em torno da questão racial, tentando saber se é um assunto tratado na escola. Diante disso, três alunos afirmaram que existe sim essa discussão e ainda exemplificaram momentos como, o dia da consciência negra e quando acontece alguma situação de preconceito racial na escola. Um deles citou a disciplina de competências sócio emocionais, onde numa das aulas os alunos apresentaram sobre o tema racismo. Apenas um afirmou que esse assunto é pouco trabalhado.

Ao perguntarmos como os alunos se identificavam, dois responderam que se consideram negros, um como pardo e um como branco. Quando perguntamos se eles acham que existe preconceito com os negros eles afirmaram que sim.

Quando perguntamos se algum deles já sofreu esse tipo de preconceito, apenas um afirmou que sim, relatando que já foi chamado de “urubu”, mas reagiu dizendo que tem orgulho de sua própria cor. A fala desse aluno nos surpreendeu, pois diante do que já foi exposto, podemos inferir sobre a dificuldade de ser negro e de se afirmar negro, tendo em vista que as questões relacionadas ao povo negro são vistas como algo negativo.

Podemos afirmar, nesse sentido, que a discriminação racial permeia a construção da identidade do brasileiro. Nessa esteira, Ribeiro (2018) conta em seu livro que, na década de 1990, quando estudava no ensino básico, ouvia piadas sobre seu cabelo e cor da pele todos os dias. Ao nos depararmos com a fala desse aluno, em pleno fim da segunda década do século XXI, sendo tão próxima do que já se vivia na década de 1990, no século passado, percebemos que o racismo ainda está enraizado na sociedade e refletindo diretamente na escola.

Quando questionados se acham que é difícil se identificar como negro na sociedade, todos afirmaram que sim e quando justificaram usaram frases como: “porque as pessoas acham que ser negro é coisa do outro mundo”, “porque as pessoas sofrem *bullying*”, “se identificar como negro é difícil por conta que é considerado algo ruim”, “as pessoas são iguais, só muda a cor”.

É nítida a dificuldade de se identificar como pessoa negra e isso nos faz pensar nos estereótipos que nossa sociedade impõe, que são refletidos também nas escolas, na falta de representação dos negros nos espaços de convivência das pessoas ou mesmo na representação de negros como escravos, pessoas humildes, empregados domésticos e pobres, estereótipos apresentados em livros didáticos. Isso faz com que os alunos brancos alimentem uma ideia de superioridade, fazendo os alunos negros desejarem pertencer ao grupo branco, rejeitando suas próprias características e afetando sua autoestima (FERREIRA E CAMARGO, 2011).

Na ocasião, perguntamos também se eles já perceberam algum tipo de preconceito em sala de aula, sendo que dois responderam sim e dois responderam não. Quanto a isso Gomes (2005, p. 47) afirma cabalmente que “quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a lamentável existência do racismo entre nós, mais o racismo existente no Brasil vai se propagando e invadindo as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais dos negros”. Curiosamente, os alunos que afirmaram que existe preconceito em sala de aula foram os mesmos que se afirmaram como negros, isso nos mostra o quanto a construção da identidade racial, de forma realista, faz o aluno perceber o seu entorno e, mediante isso, lute por seus direitos e contra a estrutura do racismo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto no estudo, percebemos que o processo de construção da identidade racial dos nossos alunos é bastante complexo, pois existem inúmeros fatores que os influenciam nessa construção. A escola é o local que pode incentivar os alunos a conhecerem a diversidade e a respeitarem, mas também pode ser um espaço de propagação de preconceitos.

Consideramos de suma importância, para construir a identidade racial de forma afirmativa, a partir de sua cultura e suas aflições, que existam discussões em torno das questões raciais em diversos espaços, como escolas, universidades, na família e até na roda de amigos, trazendo uma visão realista, desmascarando o mito da democracia racial (MARTINS E SILVA, 2018).

Ao analisarmos a pesquisa realizada, percebemos que o objetivo foi alcançado de forma positiva, mas devemos ter consciência de que essa não é a realidade de todas as escolas e que as discussões relacionadas às questões raciais devem continuar, para que nossos alunos possam construir suas identidades de forma efetiva e positiva, mesmo diante de uma sociedade que nos mostra o contrário.

BLACK IDENTITY CONSTRUCTION PROCESS IN SCHOOL

ABSTRACT

The study aims to know if the school is contributing to the construction of students' black identity. To do so, we used the field research, with a qualitative approach, analyzing speeches of 4 students from the 8th grade of a public school in the municipality of Sobral, Ceará. In this situation we realize that the goal has been achieved positively, but we must be aware that this is not the reality of all schools.

KEYWORDS: *PHYSICAL Education; Racial identity; School.*

PROCEDIMIENTO DE CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD NEGRA EN LA ESCUELA

RESUMEN

El estudio objetiva saber si la escuela está contribuyendo a la construcción de la identidad negra de los alumnos. Para ello, utilizamos la investigación de campo, con abordaje cualitativo, analizando conversaciones de 4 alumnos del 8º año de una escuela de la red pública del municipio de Sobral, Ceará. En esa situación percibimos que el objetivo fue alcanzado de forma positiva, pero debemos tener conciencia de que esa no es la realidad de todas las escuelas.

PALABRAS CLAVES: *Educación; Identidad racial; Escuela.*



REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília.
- FERREIRA, R. F.; CAMARGO, A. C. (2011). As relações cotidianas e a construção da identidade negra. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília vol.31, n.2, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200013&lng=pt&lng=pt>. Acesso em: 19 mar. 2019.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GOMES, N. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005.
- MARTINS, K; SILVA, C. O processo de (des) construção da identidade negra na escola: o olhar de professores e alunos em uma escola do município de Quixadá – CE. *Revista da ABPN*, v. 10, n. ed. Especial, maio 2018. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/430>>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- MUNANGA, k. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. Campinas (SP), v. 5, n. 1, 1996. *Revista Resgate*. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645505/12810>>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- NOVAES, Silvia Caiuby. *Jogo de espelhos*. São Paulo: EDUSP,1993.
- RIBEIRO, D. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia de Letras, 2018.
- SANT' ANA, Antônio Olímpio de. História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, Kabengele. (org.) *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- SILVA, A.H; FOSSÁ, M.I.T. Análise de conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Revista Eletrônica*, v. 17, n.1, 2015. Disponível em: <revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/download/2113/1403>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

